

**“A CORRENTE QUE ENROLARAM NO PESCOÇO DE MAMA. O SANGUE  
PINGANDO NA TERRA”<sup>1</sup>: A VIOLÊNCIA GERADA PELA OFENSIVA EM *FILHOS  
DE SANGUE E OSSO***

*Hélia da Silva Alves Cardoso\**  
*heliacardoso88@gmail.com*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

*Nathalia Oliveira de Barros Carvalho\*\**  
*nathaliaobcarvalho@gmail.com*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*

---

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar a violência que foi gerada a partir do evento conhecido como a Ofensiva, presente na obra *Filhos de sangue e osso* (2018) da escritora afro-estadunidense de origem nigeriana, Tomi Adayemi. Os atos violentos descritos na referida obra estão exibidos nas três formas, física, psicológica e simbólica. Denominada como um massacre de toda a população de maji do reino de Orisha, indivíduos que possuíam magia abençoada pelos deuses e deusas negros, mas que, ao despertar a sede de poder do monarca do reino – Saran – não sendo este atendido, ordenou que todos fossem mortos, poupando apenas crianças menores de 13 anos. Utilizando metodologia de cunho bibliográfico, de natureza qualitativa, apoia-se em teóricos como Žižek (2014), Saffioti (2015), Ginzburg (2017), Crittitz (2011) dentre outros. Esse trabalho é um recorte da dissertação, assim, busca-se aqui, observar a violência gerada após a Ofensiva no qual o reino passou a ser governado por um regime totalitário e ditatorial com divinais sendo oprimidos e ameaçados frequentemente.

**Palavras-chave:** *Filhos de sangue e osso*. Ofensiva. Violência.

## 1 Considerações iniciais

---

<sup>1</sup> (ADEYEMI, 2018, p. 16).

\* Possui Graduação em Licenciatura Plena em Letras/Espanhol com habilitação em língua espanhola e literaturas de língua espanhola-EaD, Universidade Estadual do Piauí-UESPI, polo de Oeiras-PI, (2013). Especialização em Língua Espanhola-EaD, Universidade Estadual do Piauí-UESPI, polo de Oeiras-PI, (2016). Graduação em Letras-Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa-EaD, Universidade Federal do Piauí-UFPI, polo de Oeiras-PI, (2020). Mestranda em Estudos da Linguagem, na área de Literatura Comparada, com ênfase em Literatura e memória cultural no PPGEL da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Campus Natal.

\*\* Doutora e mestra em Estudos da Linguagem, na área de Literatura Comparada, pelo PPGEL-UFRN. Possui Licenciatura Plena em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2006) e Licenciatura em Espanhol (2013) também pelo IFRN. Atuou como professora voluntária de língua espanhola do Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte no ano de 2011 e é, desde 2010, professora efetiva de Geografia na rede municipal de educação de Parnamirim/RN. Atuou nos anos de 2018-2019 como professora substituta no curso de Letras-Espanhol da UFRN. Foi professora conteudista do E-Tec Idiomas Sem Fronteiras na elaboração de material didático de Língua Espanhola (2012-2016) e realiza estudos na área de Literatura Hispano-Americana.

A violência, tratada como objeto de estudo, verifica-se que é um fator intrínseco à sociedade humana, desde a Idade Primitiva o *homo* já a praticava para garantir sua sobrevivência, seja usando-a contra os animais selvagens ou contra os seus semelhantes, uma vez que o homem primitivo era selvagem e quase que irracional. Mesmo com a descoberta da escrita e os seres evoluindo racionalmente, a violência seguiu sendo um ponto essencial. Se antes era utilizada para sobreviverem, depois passou a ser um meio de opressão e dominação.

Na literatura, a violência já foi abordada de diversas maneiras e de diversos modos. Conforme o meio em que a narrativa esteja inserida os escritores sempre encontram uma maneira de desenvolver o tema, de expor seus personagens a praticar ou sofrer atos violentos e com isso causam sensações variadas nos leitores. É, por exemplo, impossível esquecer os fatos narrados n' *O diário de Anne Frank* e não imaginar toda angústia e desespero que uma pré-adolescente teve que passar para se esconder com a família tentando escapar do nazismo. Como ler a cena em que o personagem Juan Pablo Castel, de *El túnel*, de Ernesto Sábato, mata sua amante María Iribarne com facadas no ventre e não ficar em choque com a ideia de feminicídio por motivo torpe? Como ler narrativas de regimes ditatoriais e não ficar dias pensativos sobre quão cruel era viver em um espaço opressivo e sem direito a exercer a cidadania democrática? Ou ainda, ler os romances e contos dos afrodescendentes onde a violência é um tema tão marcante? Enfim, tais questionamentos só provam que a violência é algo, como já mencionado, ligado à história dos seres humanos e que, resguardadas algumas exceções em que ela se justifique, dificilmente será capaz de gerar algo bom e em benefício da comunidade e em benefício da coletividade.

Na visão de Ginzburg (2017, p. 39), o ambiente acadêmico é um espaço propício para se falar sobre a temática de violência, haja vista que é nele que pesquisadores das áreas de ciência política, ciências sociais e história podem se dedicar ao estudo da violência, mas não só: “É muito importante dar atenção ao assunto também no campo dos estudos literários. A rigor, este consiste em um tema prioritário para as áreas de estudos cinematográficos, musicais, teatrais, assim como em artes plásticas”.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a violência que foi gerada a partir do evento conhecido como a Ofensiva, presente na obra *Filhos de sangue e osso* (2018), da escritora Tomi Adeyemi. Sendo a metodologia utilizada de cunho bibliográfico, de

natureza qualitativa, buscando apoio em referenciais teóricos que abordem o tema da violência e como esta é abordada na referida obra.

Tomi Adeyemi é uma escritora afro-estadunidense de origem nigeriana, seus pais se mudaram para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida e a autora, crescido em Chicago. Na Nigéria seu pai era médico, porém ao emigrar para os Estados Unidos teve que trabalhar como taxista enquanto suas credenciais não eram aceitas e sua mãe trabalhou como faxineira. *Filhos de sangue e osso* (2018) nasceu após a autora vir para Salvador - BA, com uma bolsa de estudos de Harvard. Estava pesquisando para sua dissertação, uma análise comparativa entre a escravidão dos Estados Unidos e a do Brasil, e foi no centro de Salvador que ela, pela primeira vez, teve contato com os orixás. A obra é baseada na cultura iorubá da África Ocidental, mais especificamente no território da Nigéria, traz ancestralidade e protagonismo negro, fazendo referência aos deuses e deusas negros.

*Filhos de sangue e osso* (2018) de Tomi Adeyemi foi lançado nos Estados Unidos em março de 2018, estreando já na primeira posição da lista de best-sellers para jovens adultos no New York Times. Trata-se de uma ficção de fantasia<sup>2</sup> baseada na valorização da ancestralidade, resgate de identidade dos afrodescendentes e africanos pertencentes à cultura iorubá. No Brasil, o livro chegou em outubro de 2018, traduzido pela Editora Rocco com o selo da Fantástica Rocco<sup>3</sup> por se tratar de um romance de fantasia. Um dos principais motivos para a escolha da Rocco foi devido ao seu tradutor, Petê Rissatti, que é do candomblé. Portanto, na tradução ficou tudo em iorubá no que tange aos encantamentos apresentados na obra, o que foi traduzido foi o que estava em língua inglesa, sendo disponibilizado ao final do livro um guia de pronúncia de iorubá para que o leitor se deleite com a leitura. A Fox 2000 comprou os direitos autorais para adaptação cinematográfica da trilogia, porém ainda sem data de produção ou lançamento.

O foco narrativo é em primeira pessoa, possuindo três vozes: Zélie, uma divinal sem poder, filha de pescador e de uma maji ceifadora e que sofre preconceito por ser

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao gênero da fantasia, que tem suas origens nas narrativas mitológicas, passando pelos contos de fada, primeiro em uma fase oral e, a seguir, com o início de seu registro escrito, para desembocar na atual ficção de fantasia que traz à tona nomes como Lewis Carrol, James M. Barrie, Michael Ende, J.R.R.Tolkien, C.S.Lewis ou ainda de brasileiros como Monteiro Lobato, Maria Clara Machado e Ana Maria Machado. (FRITSCH, Valter Henrique. "Atravessando limiares: simbologias de passagem no romance de fantasia". Revista Recorte, v. 11, n. 1, 2014).

<sup>3</sup> É um selo especial lançado pela editora em 2014 para publicações nacionais e internacionais do gênero fantasia, terror e ficção científica.

quem é; Amari, a filha do rei; e o terceiro narrador é Inan, o filho do rei, futuro herdeiro do trono e fiel ao pai. Amari tem participação importante para o início da ação ao roubar do palácio um artefato que pode trazer a magia de volta ao reino de Orisha. Inan recebe ordem de Saran (o rei) para trazer Amari e o artefato de volta e matar quem estiver em seu caminho. Nessa aventura Amari, Zélie e Tzain (irmão de Zélie) irão enfrentar muitos desafios se quiserem sobreviver e trazerem a magia de volta.

Ginzburg (2017, p. 58) nos diz que “na literatura encontramos manifestações de que o comportamento violento pode constituir um prazer, uma satisfação”. Saran, o monarca de Orisha, sente prazer em torturar os divinais, os quais ele chama pelo substantivo pejorativo de “verme”, o prazer e a satisfação aqui são compreendidos como forma de demonstrar seu poder, sua soberania perante os mais fracos, daí seu reinado absolutista.

Este trabalho<sup>4</sup> está composto por duas seções: em “A violência e suas vertentes na literatura”, trazemos alguns teóricos para tratar dessa temática e em “A Ofensiva”, faremos a análise e discussão sobre a temática da violência tendo como pano de fundo esse evento na referida obra e o que se seguiu após.

## **2 A violência e suas vertentes na literatura**

A violência é entendida como um fenômeno abusivo, repulsivo e, infelizmente, ainda que vivamos em pleno século XXI é muito presente na sociedade atual, seja ela de forma física, psicológica ou simbólica. As sociedades primitivas faziam uso constante de atos violentos para conquistar, podendo ser o território ou a caça, o objetivo era garantir a sobrevivência. Com o advento da descoberta da escrita, as disputas passam a ser mais por território, surgindo, então, a figura do dominador, do conquistador.

O fato de envolver a conquista faz com que a violência se torne o único meio pelo qual se pode triunfar, alcançar o objetivo, seria utilizar meios justos para justificar fins justos (Benjamin, 2013). As guerras ocorridas ao longo da história da humanidade destruíram não apenas vidas, mas geraram traumas, uma vez que vítimas de violência quando não morrem sofrem pelo resto de suas vidas. A Era das Grandes Navegações prometia avanços, descobertas de novos espaços e glória para quem iria adentrar no

---

<sup>4</sup> Este trabalho, ainda em construção, consiste em um recorte da dissertação, em andamento.

temível Oceano Atlântico para explorar o que existia além do Velho Mundo. O sentido literal de exploração veio acompanhado de uma violência desenfreada, indígenas sendo expulsos de suas terras, assassinados, catequisados, subjugados a esquecer de sua cultura e tradição. Uma violência que se perpetua até os dias atuais.

E se a situação pela qual passaram os indígenas não foi suficiente, outro grupo que perpassou o tempo sendo considerados inferiores foram os negros<sup>5</sup>. Ao passo em que os indígenas tiveram suas terras saqueadas e foram expulsos, os negros foram arrancados de seus lares, postos em navios negreiros e trazidos para terras longínquas e forçados ao trabalho como escravizados, servindo de propriedade para o seu “dono”, o colonizador europeu. Para Žižek (2014, p. 69) “a natureza humana é naturalmente má”, toda nação conquistada por exploradores europeus carrega em sua história massacres de povos originários e escravidão de africanos. E mesmo passado mais de um século da abolição, esses grupos étnicos ainda sofrem diversas violências:

As grandes narrativas da violência repudiada em prol do comércio, da tradição ou do contrato concordam com a ideia de que a sociedade se funda antes de tudo na rejeição intelectual e prática de uma violência naturalmente destrutiva, obstáculo ao progresso e à concórdia. É inicialmente sobre as cinzas da violência natural que o Estado se constitui (Crittiez, 2011, p. 21).

Vemos na fala do autor que a violência se faz como um atalho para se conseguir algo mais rápido e nesse jogo os fracos são subjugados e padecem das piores humilhações nas mãos de seus dominadores, os mais fortes, ditos superiores. O autor ainda confirma o que já mencionamos anteriormente, um Estado, para se constituir somente se faz através da violência, um ato que com o passar do tempo se torna natural. As leis e a ordem são sustentadas por quem detém o poder e, assim, determina o modo como os indivíduos devem agir dentro daquele ambiente, e a violência é um meio de opressão pela qual ordem e lei deverão ser aceitas e seguidas.

Como exemplo, temos o conto “A embaixada americana” que compõe o livro *No seu pescoço* (2017), de Chimamanda Ngozi Adichie, nele conta-se a história de uma mulher inominada que se encontra na embaixada americana da Nigéria para solicitar um visto americano de asilo político. A narrativa se passa durante a ditadura do general Sani Abacha, na Nigéria, mais especificamente no ano de 1997. Ele foi o 10º

---

<sup>5</sup> Outros povos foram subjugados, como os aborígenes australianos, indígenas, dentre outros, todavia o foco neste trabalho é o grupo dos negros.

presidente do país, entre 1993 e 1998, chegou ao poder por meio de golpe de Estado. Governou com autoritarismo e repressão, proibindo greves e extinguindo partidos políticos. Seu governo não pendurou mais porque ele morreu de infarto no miocárdio.

À medida que a narrativa do conto avança, vamos conhecendo os detalhes: seu marido é repórter e corajosamente escreveu uma matéria no *The New Nigeria* (importante jornal do país), denunciando assassinatos, contratos não cumpridos e dinheiro que estava desaparecendo durante os quatro primeiros anos do governo de Abacha. Pouco tempo após a matéria sair no jornal ele foi perseguido pelos agentes do governo:

*Para onde seu marido foi? Para onde? Eles apertaram uma arma contra sua cabeça e ela disse: “Eu não sei, ele foi embora ontem”, ela disse sem se mover, embora a urina morna lhe escorresse pelas pernas.*

*Um deles, aquele com a camisa preta de capuz, o que exalava o cheiro mais forte de álcool, tinha olhos absurdamente injetados, tão vermelhos que pareciam doloridos. Foi ele quem mais gritou, quem chutou a televisão. Você ouviu falar da matéria que seu marido escreveu no jornal? Sabia que ele é um mentiroso? Sabia que gente que nem ele devia estar na cadeia, pois eles causam problemas, pois não querem ver a Nigéria progredir? (Adichie, 2017, p. 143).*

O marido da personagem se pôs como porta-voz para toda a população ao expor o que ocorria no meio político, no entanto, a matéria traz a violência da repressão para dentro de sua casa, os soldados estavam a caminho e ele teve que sair às pressas, escondido no porta-malas do carro e, clandestinamente, ir para a República do Benim e depois para Nova York, EUA. A esposa e o filho de quatro anos ficaram para trás e, quando os soldados adentram na casa exigindo que ela fale onde ele se encontra, ela não diz. Entretanto, soldados que servem a governos totalitários têm o poder de subjugar os mais indefesos: “ele sentou no sofá, no lugar que seu marido sempre ocupava para assistir ao noticiário na NTA, e puxou-a, obrigando-a a se sentar desajeitadamente em seu colo” (Adichie, 2017, p. 143). Esse ato desencadeia o desespero da criança e sem nenhum aviso ou remorso o soldado atira em Ugonna, o filho, matando-o.

Para o homem que estava atrás da mulher na fila do visto, os editores do *The New Nigeria* – incluindo seu marido, “são o tipo de gente de que a Nigéria precisa. Eles arriscaram a vida para contar a verdade. Homens destemidos de verdade. Seria bom se tivéssemos mais pessoas com essa coragem” (Adichie, 2017, p. 147). A coragem do esposo provocou, de certa forma, a morte do filho. A violência no país

não foi ficção, mas inspirou Chimamanda Ngozi Adichie a escrever o conto ficcional, trazendo para a literatura um momento ditatorial pelo qual passou o país.

Jaime Ginzburg, em *Literatura, violência e melancolia* (2017), de modo preciso, diz que:

a palavra violência é empregada de diversas maneiras. É comum falar em violência simbólica, ou violência psicológica, para fazer referência a situações de intimidação verbal ou humilhação grave em um ambiente público. O impacto da palavra também remete a vários campos de desumanização e hostilidade, como a generalização da miséria, exploração de crianças e a imposição da fome. Trata-se de uma palavra que é chamada para se falar frequentemente de situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir (Ginzburg, 2017, p. 22).

Assim, violência é uma palavra que carrega um peso avassalador, trata-se de uma situação gerada através de “extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir”, uma condição que é difícil de ser descrita. De acordo com Lins (1990, p. 14), “a violência nasce onde não há acordo sobre regras e princípios”, assim, um ambiente deve ter regras e princípios para que não haja violência. Segundo a fala do autor, o fato que tende a desandar esta alegação é quando surgem indivíduos com ares de superioridade e instalam o caos, com isso a violência torna-se um poder que pretende dar legitimidade à ordem absoluta da lei (Lins, 1990).

A palavra violência já traz um peso, seja ela praticada com quaisquer indivíduos. Sobre a violência de gênero que recai sobre as mulheres, Hooks (2018) nos diz que o sistema patriarcal e machista beneficiou apenas um único grupo ao longo de toda a história da humanidade, o dos homens. A ideia de ser superior às mulheres e que eles deveriam controlá-las, foi se enraizando cada vez mais, buscavam na violência e na opressão um modo de controlá-las. As mulheres representam um grupo social de uma maioria minorizada, uma vez que sofrem violências físicas, psicológicas e simbólicas. Por isso, Hooks (2018, p. 117) afirma que “o sonho de transformar a cultura de dominação em um mundo sem discriminação baseada em raça ou gênero” vive em cada feminista que luta por seus direitos de igualdade entre os gêneros.

Turner (2014, p. 153) nos explica que o poder patriarcal se sustenta na percepção de que parte de “um afloramento ideológico de um requisito econômico mais básico, que é a distribuição regular da propriedade através dos herdeiros legítimos”, baseando-se na análise de Weber sobre o capitalismo. Em palavras bem claras, a mulher não tinha direito sobre si, era uma propriedade do homem, assim

como os “empregados, bois, asnos e o lugar de residência” (Turner, 2014, p.155). Sua função era reproduzir e nada mais, não tinham voz nem vez dentro do grupo social. A mulher como ser subjugado tinha seu corpo violentado e ainda deveria exercer sua função de modo exemplar e em silêncio.

No conto “A embaixada americana” de Adichie (2017) a personagem passa pela violência de ter o marido perseguido por se opor ao regime ditatorial, presencia o assassinato de seu único filho e sofre assédio por parte dos agentes do governo. Abalada psicologicamente ao solicitar o visto para asilo político nos EUA, ela tem que relembrar os eventos traumáticos vividos no dia anterior:

“A senhora pode contar sua história de novo? Não me deu nenhum detalhe”. [...]

E se deu conta de que morreria feliz nas mãos do homem de camisa de capuz preta, ou nas mãos do homem de careca brilhante, antes de dizer uma palavra sobre Ugonna para aquela mulher, ou para qualquer pessoa na embaixada americana. Antes de vender Ugonna por um visto para um lugar seguro.

Seu filho fora assassinado, era tudo que ela ia dizer. [...]

“A senhora pode confirmar isso? Tem alguma prova?”

“Tenho. Mas enterrei ontem. O corpo do meu filho.”

“Senhora, eu sinto muito pelo seu filho”, disse a funcionária. “Mas preciso de alguma prova de que a senhora sabe que foi o governo. Existem brigas entre etnias diferentes, assassinatos cometidos por particulares. Eu preciso de provas do envolvimento do governo e de provas que a senhora estará em perigo se continuar na Nigéria” (Adichie, 2017, p. 150-151).

Temos uma mulher que foi violada, uma mãe que acaba de perder seu filho pela violência política do país e uma funcionária do governo [mulher] incapaz de se sensibilizar. A vida da personagem só é importante se ela comprovar que corre perigo perante a representante da embaixada americana, caso contrário, morrer vítima das “brigas entre etnias” ou ser assassinada por particulares não interessa. A mulher mesmo abalada, termina por não querer violar a memória do filho, não usar o brutal assassinato de Ugonna para tentar comover a funcionária e convencê-la a dar-lhe o visto.

Percebemos que a mulher da embaixada também provoca violência naquela mãe que age no modo automático, porque acabara de enterrar o filho que foi morto de forma cruel. Uma violência por meio de palavras secas, carregadas de desprezo, e sabemos que “as palavras doem mais que um tapa, o tapa machuca o rosto, mas as palavras machucam o coração”<sup>6</sup>. Violência e desemprego estão entre as maiores

---

<sup>6</sup> Claudiney Ribeiro.



preocupações e a violência contra a mulher ocupa o topo da pirâmide, segundo dados de Saffioti (2015, p. 28), “a mulher foi socializada para conduzir-se como caça, que espera o ‘ataque’ do caçador”. Seu atroz sempre foi conduzido a ter a iniciativa, a ser o macho alfa.

Em *Filhos de sangue e osso* (2018) a violência sofrida pelos divinais após a Ofensiva é a física, a simbólica e a psicológica. O rei Saran ordenou o massacre dos maji após um desses ataques à sua família, como forma de vingança. Um plano orquestrado por outro personagem que teve consequências desastrosas. A Ofensiva foi um ato violento que não se encerrou apenas com o massacre, reverberou nos anos seguintes em formato de opressão com os descendentes dessa população, os divinais.

Desse modo, de acordo com Ginzburg (2017), após tantos episódios de violência gratuita ao longo da história da humanidade é preciso sim questionar e trazer o tema à tona, o diálogo é o melhor meio para se debater e ir amenizando um assunto tão pesado de se falar. O autor chama a atenção para a importância da literatura em discutir sobre essa temática, afirmando que os “textos literários podem motivar empatia por parte do leitor para situações importantes em termos éticos” (Ginzburg, 2017, p. 38). Portanto, é preciso confrontar sobre a violência para que os indivíduos possam entender, o quão destruidora pode ser. A violência é difícil de ser vivida, de ser tratada, de ser falada, porém não deve ser ignorada.

### **3 A Ofensiva**

Em *Filhos de sangue e osso* (2018) o reino de Orisha é governado pelo rei Saran, um kosidán, e a violência já é apontada desde o princípio quando Zélie, uma divinal e também uma das três vozes narrativas, fala melancolicamente sobre a falta que sente da mãe, ao resgatar uma memória sobre o cheiro do “arroz jollof” que ela cozia. Ao mesmo tempo, ela tenta afugentar essa lembrança, pois recorda também o dia de sua morte, quando os soldados do rei invadiram sua casa e arrastaram sua mãe para a escuridão, o modo cruel como passaram uma corrente em seu pescoço e a penduram em uma árvore. Esse dia não marca apenas a morte de sua mãe, mas também o genocídio de todos os maji adultos, ato que ficou conhecido em todo o reino de Orisha como a Ofensiva:

– O massacre dos maji... a “Ofensiva”, como as pessoas chamam... não foi um evento fortuito. Antes de eu sair em peregrinação, seu rei entrou nos templos de Candomblé alegando uma adoração falsa. Na verdade, Saran estava buscando uma arma contra os deuses (Adeyemi, 2018, p. 166).

Antes, porém, é importante ouvir a voz de Mama Agba<sup>7</sup>, narrando sobre o nascimento do ódio no reino de Orísha, onde antes havia paz, e a violência contra os maji não existia:

Quando Mama Agba senta-se no banco, as garotas se reúnem ao redor, ávidas para ouvir. [...] Essa é a nossa história. Nosso passado.

Uma verdade que o rei tentou enterrar com nossos mortos.

– No início, Orísha era uma terra onde os raros e sagrados maji prosperavam. Cada um dos dez clãs foi abençoado pelos deuses e recebeu um poder diferente sobre a terra. [...] Aqueles que estavam no poder começaram a abusar de sua magia, e, como punição, os deuses retiraram seus dons. Quando a magia se esvaiu do sangue, seus cabelos brancos desapareceram como sinal de seu pecado. Por gerações, o amor pelos maji se transformou em medo. O medo virou ódio. O ódio se converteu em violência, em um desejo de dizimar os maji (Adeyemi, 2018, p. 14-15).

O poder corrompe os indivíduos. No reino de Orísha existia uma só raça, a dos maji, indivíduos abençoados com poderes pelos deuses, tudo prosperava até que alguns começaram a utilizar sua magia de maneira errada. Então, os deuses os puniram decidindo quem nascia com magia, com isso surgiu outra raça em Orísha, os kosidán, estes se tornaram poderosos e superiores. A família real pertencia aos kosidán que passaram a temer a perda do poder monárquico para algum maji. O antigo rei – pai de Saran – ansiava pela harmonia entre as duas raças através de um Acordo de paz, porém no dia de assinar, o Palácio Real foi atacado por um pequeno grupo de maji que assassinou toda a família real, restando somente Saran. Ao assumir o trono, seu objetivo principal era a vingança, após uma meticulosa pesquisa ele encontrou um meio de como acabar com todos os maji do reino:

– Para a magia desaparecer de vez, todos os maji precisavam morrer. Uma vez que tivessem provado o poder, nunca parariam de lutar para trazê-lo de volta.

Todos os maji...

Por isso ele deixou as crianças vivas. Divinais não manifestam suas capacidades até os treze anos (Adeyemi, 2018, p. 85-86).

---

<sup>7</sup> Anciã do vilarejo de Ilorin, protege as meninas divinais – como Zélie – ensinando-lhes a lutar para se defenderem dos soldados do rei.

O massacre de todos os maji foi um ato de extrema violência, que Saran nomeou de Ofensiva. Se buscarmos o significado da palavra<sup>8</sup> vamos encontrar como definição, principalmente, que é um assalto, uma ação de atacar súbita e violentamente para roubar. A Ofensiva é utilizada pelo monarca como se os maji fossem uma ameaça, portanto, antes que eles atacassem a monarquia novamente, ele os dizimou, deixando muitos viúvos e crianças órfãs.

Logo no início da narrativa ficamos sabendo que já se passaram 11 anos desde a Ofensiva. Zélie, que na época tinha apenas seis anos, narra sua dor aos dezessete anos, através de *flashback*:

Tento não pensar nela.

[...]

Penso no jeito que sua pele escura brilhava como o sol do verão, no jeito que seu sorriso agitava Baba. No jeito de seus cabelos brancos, cheios e encaracolados, uma coroa indomada que tinha vida própria.

Ouço os mitos que ela me contava à noite. A risada de Tzain quando eles jogavam agbôn no parque.

Os gritos de Baba quando os soldados passaram uma corrente no pescoço dela. Os gritos dela quando a arrastaram para a escuridão.

Os encantamentos que jorravam de sua boca como lava. A magia da morte que a desencaminhou.

Penso no jeito que seu cadáver pendeu daquela árvore.

Penso no rei que a levou embora (Adeyemi, 2018, Epílogo ou Introdução).

A Ofensiva foi um genocídio de base político-autoritária. Sobre esse modelo de política, Žižek (2014) traz dois termos a respeito, o primeiro é a “pós-política” que visa deixar para trás os velhos combates ideológicos e então centrar-se na gestão e na administração especializadas, o outro termo é o da “biopolítica”, cujo objetivo principal é a regulação da segurança e do bem-estar das vidas humanas. O autor prega que anteriormente o fazer política se dava pelo medo, por conseguinte, oprimir um povo ou uma nação era a melhor maneira de disciplinar estes, seguindo as regras do opressor. Saran, o monarca de Orísha, governa através da antiga política, a do medo.

A Ofensiva foi um ato de horror, um massacre de toda uma população pela ordem de um rei com sede de poder. Todavia, o que se passou após foi perverso e ditatorial, haja vista os divinais – indivíduos sem magia – que sobreviveram, ou melhor, crianças menores de 13 anos (a magia só era despertada após essa idade) deixadas vivas pelos soldados, tiveram suas vidas transformadas radicalmente. Os

---

<sup>8</sup> Ver significado da palavra Ofensiva: <https://www.dicio.com.br/ofensiva/>.

sobreviventes foram submetidos a um regime de escravidão, seus familiares ou responsáveis deveriam pagar impostos se os queriam em suas casas, porém essas taxas aumentavam da noite para o dia. Caso não tivessem as moedas do novo imposto, os divinais deveriam ser recolhidos e mandados para as colônias, lugares em que vigorava o regime escravocrata e de onde possivelmente não conseguiriam sair com vida. Podemos compreender o medo dos divinais quando os soldados do rei aparecem na favela de Ilorin para cobrar os impostos:

Mama Agba anda de um lado para outro pelas fileiras de garotas, inspecionando o trabalho das aprendizes. Apesar do meu nervosismo, sorrio enquanto ela faz os guardas esperarem, recusando-se a demonstrar ter notado sua presença indesejável.

– Posso ajudá-los em alguma coisa? – pergunta ela por fim.

– Imposto – grunhe o guarda mais escuro – Pague.

O rosto de Mama Agba desaba como o calor à noite.

– Paguei meus impostos na semana passada.

– Esse não é um imposto comercial. – O olhar do outro guarda passa por todas as divinais de longos cabelos brancos. – Os impostos sobre os vermes aumentaram. Como a senhora tem tantos, então seu imposto também aumentou.

*Claro.* Agarro o tecido do meu manequim com tanta força que meus punhos doem. Não basta para o rei reprimir os divinais. Ele tenta acabar com qualquer um que tente nos ajudar.

Meus dentes cerram-se quando tento bloquear o guarda, bloquear o jeito como a palavra *verme* é cuspidada de sua boca. Não importa que nunca vamos nos tornar os maji que deveríamos ser. Aos seus olhos, ainda somos vermes (Adeyemi, 2018, p. 9-10).

Embora todos os personagens da obra sejam negros, divinais e kosidán têm características perceptíveis que os distinguem. Os divinais possuem a pele bem escura e os cabelos brancos e lisos. Com o tempo, se possuíam a magia, os cabelos iam cacheando, até ficarem bem crespos, mas permaneciam brancos. Já os kosidán possuem pele mais clara e cabelos pretos e crespos. Assim, não tinha como um divinal fingir ser um kosidán, o inverso jamais ocorreria, pois quem iria querer se rebaixar a um nível da sociedade orishana e ser considerado verme<sup>9</sup>?

De acordo com Ginzburg (2017) vivemos em um mundo acelerado onde este ritmo provoca-nos estímulos violentos no qual temos propriedade para gerar monumentais níveis de estresse, ansiedade e insegurança. Tomi Adeyemi traz em sua obra a insegurança constante dos divinais, por mais que eles ganhem pouco ou quase nada trabalhando demasiado, os impostos sobre eles aumentam desproporcionalmente, transformando-os em escravos da monarquia. Se pensarmos

<sup>9</sup> Como os divinais eram chamados pelos kosidán.

pela ótica de governança de Saran e analisarmos o seu discurso de ódio, o que ele mais anseia é que todo divinal termine nas colônias, escravizados até à morte: “As velhas alertas de meu pai sobre a magia florescem em minha cabeça, histórias de batalha e fogo, escuridão e doença. *A magia é a fonte de todo o mal*, ele sibilava. *Ela vai deixar Orísha em pedaços*” (Adeyemi, 2018, p. 45). Partindo dessa ideia de *mal* pela *magia*, o rei ordena a Ofensiva, crendo ser a solução, todavia esse evento provoca uma melancolia pelo luto e, por conseguinte uma violência. Sobre violência aliada à melancolia, Ginzburg (2017) nos diz que:

violência e melancolia articulam o campo da estética em torno da perda, da dissociação e, muito frequentemente, da morte. A figura exemplar desse campo é o corpo cadavérico. A estética da violência trabalha com o movimento tenso entre a vida e a morte, que admite recursos como a fragmentação, o grotesco, o abjeto e o choque (Ginzburg, 2017, p. 43).

O dia da Ofensiva foi marcante para cada maji que morreu, assim como foi para cada criança descendente ou esposo ou familiar que perdeu seus entes queridos pelo poder devastador do rei. Portanto, a morte e a melancolia que se seguiu foi uma lembrança dolorida da violência executada contra os maji. Para esse povo, quando a magia existia, o passado era pacífico e feliz, o presente se tornou inseguro e triste e o futuro é incerto. Percebemos que, insegurança e incerteza caminham lado a lado com a vida dos divinais:

[...] – Eles me disseram para arranjar a moeda ou forçariam Zélie a ir para as colônias.

Eu me viro rápido, incapaz de esconder o medo. Comandadas pelo exército do rei, as colônias atuam como a força de trabalho de nosso reino, e se espalham por toda Orísha. Sempre que alguém não consegue pagar os impostos, eles exigem trabalho para compensar a dívida com o rei. Aqueles que acabam nas colônias se esfalfam pela eternidade, erigindo palácios, construindo estradas, minando carvão e coisas do tipo.

É um sistema que serviu bem a Orísha no passado, mas desde a Ofensiva não é mais que uma sentença de morte sancionada pelo Estado. Uma desculpa para render meu povo, como se a monarquia precisasse de uma. Com todos os divinais que foram deixados órfãos com a Ofensiva, não conseguimos pagar os altos impostos da monarquia. Somos os verdadeiros alvos de cada aumento de tributos (Adeyemi, 2018, p. 29).

Segundo Mendes Jr. (2020) os tipos de violência podem variar desde a física a mais branda até a mais severa, sendo que a mais brutal é a psicológica. Para o autor, a violência psicológica se torna mais brutal devido ao fato de que um indivíduo com fortes traumas mentais pode vir a se transformar em um indivíduo violento, um

verdadeiro sociopata, isso caso não perca totalmente o desejo de viver e cometa suicídio. Mendes Jr. (2020) afirma ainda que, a violência psicológica gera instabilidade, o que configura indivíduos com comportamentos que não conseguem distinguir o que é certo ou que é errado.

Os divinais sofriam violências físicas, psicológicas e simbólicas. Físicas porque eram espancados por quaisquer desculpas pelos *kosidán*:

Solto um grunhido quando ele envolve meu pescoço com as mãos gorduchas e me aperta contra a muralha de madeira. [...] É contra a lei *maji* e *kosidán* se beijarem, depois da Ofensiva, mas isso não impede os guardas de nos apalparem como se fôssemos animais (Adeyemi, 2018, p. 53-54).

Psicológicas, porque conviviam com a incerteza se os impostos aumentariam ou não no dia seguinte e que os familiares, caso não conseguissem pagar, provavelmente seriam levados para as colônias: “luto para segurar meu terror. Se for forçada a ir para as colônias, nunca voltarei. Ninguém que entra escapa. O trabalho deve durar apenas até a dívida original ser paga, mas como os impostos continuam subindo, a dívida também sobe” (Adeyemi, 2018, p. 30).

Na concepção de Bourdieu (2012, p. 7), a violência simbólica também compreendida como suave, insensível e invisível para as próprias vítimas é exercida “essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. A violência simbólica sofrida pelos divinais estava diretamente ligada às características físicas, o tom de pele mais escuro e os cabelos brancos e lisos que os distinguiam facilmente dos *kosidán*, sendo reconhecidos por vermes, “não há respeito em sua postura, nem a promessa de uma luta justa. Ela acredita que, como sou uma divinal, sou inferior a ela” (Adeyemi, 2018, p. 6).

Outro trecho no qual podemos ver claramente a violência simbólica sendo praticada contra a população de divinais, é quando Zélie tem que ir vender um peixe-vela no mercado de Lagos e o guarda a olha com nojo para registrar sua entrada na cidade onde fica o Palácio Real: “– Zélie Adebola – respondo com o máximo de respeito que consigo reunir. *Não estrague tudo*. Engulo em seco. *Ao menos não hoje, de novo*. O guarda mal se digna a me olhar antes de anotar a informação” (Adeyemi, 2018, p. 53).

A violência simbólica se institucionaliza através do intermédio da adesão de que, o dominador não deve deixar de ter o poder pelo dominado e ocorre o inverso também, o dominado reconhece o poder do dominador sobre ele e, assim a relação de subjugação termina por ser algo natural, na qual os papéis de dominador e dominado são vistos e avaliados sempre de modo: elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, resultando em incorporação de classificações naturalizadas de que ser social é ser produto (Bourdieu, 2012).

Em *Filhos de sangue e osso*, a violência sofrida após a Ofensiva é cruel e em tal nível que não há distinção entre homens, mulheres e/ou crianças, toda a população divinal em geral é oprimida por um ódio desenfreado por parte dos *kosidán*. A violência em Orísha causada pela Ofensiva não é, portanto, a de gênero, mas a racial. Um ódio mortal desencadeado pelo monarca Saran:

Um tenente pega uma adaga do cinto. Outro rasga o vestido de Zélie, expondo a pele macia de suas costas. O soldado segura a lâmina no calor das chamas da tocha. O metal se aquece. Fica vermelho, em brasa.

Meu pai avança. Os espasmos de Zélie se intensificam, tão violentos que são necessários dois tenentes para segurá-la.

– Admiro sua ousadia, menina. É impressionante que tenha chegado até aqui. Mas não estaria no trono se não lhes lembrasse o que vocês são.

A faca queima sua pele com uma fúria tão intensa que sua agonia vaza para dentro de mim.

– AAA! – Um grito de gelar o sangue sai da garganta de Zélie. Penetra no meu ser.

– Não! – grito e corro, pulando sobre o tenente.

[...]

Meu punho acerta o tenente que está cortando as costas dela, mas antes que possa fazer mais, meu pai grita.

– Segurem ele!

[...]

Seus soluços e gritos ricocheteiam nas paredes de metal. Enquanto a carne chamuscada esfria, vejo a marca de um V.

E quando a respiração de Zélie fica mais superficial, o tenente começa o E.

[...]

Eles me jogam no corredor. A porta bate com tudo.

[...]

Posso sentir que começaram o R agora; como se a curva fosse talhada nas minhas costas (Adeyemi, 2018, p. 428-429).

O trecho acima representa a captura de Zélie pelos soldados do rei, juntamente com o irmão Tzain e a princesa Amari que, em posse do pergaminho haviam partido em busca dos outros dois artefatos mágicos – a pedra do sol e a adaga de osso – que unidos e pronunciando o feitiço tinham o poder de restaurar a magia da população de divinal, transformando-os em *maji* novamente. Entretanto, Saran não iria deixar que

isso acontecesse espontaneamente e começou uma caçada, não se importando se sua filha fizesse parte, inclusive, ele ordena que Inan – o futuro herdeiro do trono –, deveria matá-la quando a encontrasse, pois “um homem que consegue ferir a própria irmã é um homem que pode ser um grande rei” (Adeyemi, 2018, p. 446). Ao eliminar uma pessoa, sangue de seu sangue, Inan estará provando que está apto a subir ao trono de Orisha.

Simultaneamente, esse comportamento de Saran revela o seu pensamento quanto às suas relações humanas. Respalhando-nos em Saffioti (2015, p. 86), que afirmar que “todas as relações humanas são interpessoais, na medida em que são agenciadas por pessoas, cada qual com sua história singular de contatos sociais”, vemos que Saran, como governante de uma nação, é um rei absolutista e comanda seus súditos com “mão de ferro”, e não pode ser contestado. A população de divinal não representa nada para ele, logo: “Nenhum sinal de ódio. Nem mesmo um traço de nojo. Para ele, riscar “verme” nas costas de uma garota é apenas parte do trabalho” (Adeyemi, 2018, p. 441).

A tortura física sofrida por Zélie na fortaleza da guarda de Saran, lhe causou sérios traumas, toda a proteção que o pai e o irmão lhe davam, não a preparou para tamanha crueldade nas mãos dos tenentes do rei e do próprio monarca, já que ele estava presente na sala de tortura:

MEU CORPO DESPERTA antes da mente. Embora haja uma melhora da agonia lancinante, uma dor ainda lateja nas minhas costas. Arde quando me levanto; e eu me encolho. *O que é isso? Onde estou?*

[...]

... *Os olhos negros de Saran observam enquanto o tenente corta minhas costas.*

– *Eu não estaria no trono se não lhes lembrasse o que vocês são...*

Agarro os lençóis ásperos. A dor ondula pela minha pele. Abafo um gemido quando alguém entra na tenda.

– *Você acordou!*

Uma maji grande e sardenta com pele bronzeada e a cabeça cheia de tranças brancas caminha até mim. De início, me encolho com seu toque, mas quando o calor viaja pela minha túnica de algodão, solto um suspiro de alívio (Adeyemi, 2018, p. 463).

De acordo com Saffioti (2015) o poder pode apresentar duas faces paradoxais, o da potência e o da impotência. Saran governa com autoritarismo, portanto condiciona seus súditos a serem impotentes, principalmente quando se trata da população de divinais, estes ocupam o lugar da impotência duplamente, “não gaste sua energia defendendo aquela... *Verme*. Sei muito antes que o xingamento saia dos



lábios de meu pai. É como ele vê todos eles” (Adeyemi, 2018, p. 442). Ele representa a face da potência, haja vista que é o rei, é um *kosidán*, é superior, a coroa está acima de quaisquer seres de raça inferior.

Segundo Crittuez (2011, p. 73) “a violência serve também a objetivos claramente mais estratégicos, que vão da tentativa de fragilização dos movimentos social-democratas até a esperança de uma fraternização com as forças armadas”. O medo gerado pela Ofensiva e a consequência que veio com ela, um reinado de violência e autoritarismo, fez uma população se tornar oprimida por mais de uma década. Mas, quando surgiu a fagulha da esperança através de um pergaminho e pelas mãos de uma descendente direta do rei, os ditos inferiores resolveram lutar, resistir para garantir um lugar melhor numa Orisha tão desigual. A partir daquele momento não importava o horror que tinha sido a Ofensiva, os divinais sobreviventes já não suportavam mais tanta violência e tirania.

Como a própria Amari (princesa) fala ao lutar contra o pai no Templo Sagrado: “você me criou para lutar com monstros – murmuro, avançando com a espada. – Levei tempo demais para entender que o verdadeiro monstro era você” (Adeyemi, 2018, p. 525). Vemos aqui um último ato de violência contra aquele que massacrou a população *maji* e perseguiu os divinais. Nesse trecho vemos que a violência é necessária, trata-se da autodefesa para alcançar a liberdade. Sem nada a perder, a não ser uma vida miserável e um futuro iminente nas colônias, era hora de os divinais terem a magia de volta e com ela sua própria existência. Tinha chegado a hora de se levantar e enfrentar a batalha mais dura de suas vidas, onde arriscariam tudo para conseguir a liberdade. Resistir para viver.

### **3 Considerações finais**

Voltemos à ideia de Ginzburg (2017) quando menciona que violência é uma palavra difícil de se falar e o próprio ato é; complicado, traumático e cruel de ser vivenciado. Vítimas de violências carregam traumas para o resto de suas vidas, além do medo constante de encontrar com o agressor mais cedo ou mais tarde. Todavia, ao tempo em que compreendemos que falar de violência é ruim, em certos ambientes, principalmente no acadêmico se faz necessário, é preciso falar da temática, discutir as variadas formas em que esta se apresenta. Quando não se menciona esse tema,

perpetuamos e deixamos brechas para que ela continue agindo de modo silencioso e devastador.

Sobre a violência no texto literário Ginzburg (2017, p. 44) nos informa que “o estudo não se restringe necessariamente a verificar quais são as cenas em que personagens realizam atos de violência. Em textos literários, as figuras de linguagem são fundamentais em procedimentos de construção”. Em *Filhos de sangue e osso* (2018), Tomi Adeyemi nos mostra que a violência é descrita logo nas primeiras páginas e permeia a narrativa até o final. O evento mencionado na obra, a Ofensiva, analisado aqui neste trabalho, foi um ato de extrema violência, as consequências que vieram a partir dela também foram de uma perversidade sem igual.

Assim, o objetivo proposto com esta análise foi alcançado na medida em que, também se entende que este se compõe de mais um trabalho sobre a temática e, que ainda é imprescindível que pesquisadores continuem estudando a respeito da mesma. Cada estudo representa uma discussão em variados espaços educacionais e sociais que podem estar contribuindo para gerar ambientes não-violentos. Entendemos aqui que por mais que se trate de um assunto complexo, é primordial que a muralha ao redor do tabu da violência comece a ruir e, tal muralha só precipita se mais indivíduos debaterem constantemente.

**“THE CHAIN THEY WRAPPED AROUND MAMA’S NECK. THE BLOOD  
DRIPPING ON THE GROUND”: THE VIOLENCE GENERATED BY THE RAID IN  
*CHILDREN OF BLOOD AND BONE***

**Abstract:** This work aims to analyze the violence that was generated from the event known as the Raid, present in the work *Children of Blood and Bone* (2018) by the Afro-American writer of Nigerian origin, Tomi Adeyemi. The violent acts described in the aforementioned work are displayed in three forms, physical, psychological and symbolic. Denoted as a massacre of the entire maji population of the kingdom of Orīsha, individuals who possessed magic blessed by the black gods and goddesses, upon awakening the kingdom's monarch's thirst for power, Saran, who was not heeded, ordered them all to be killed, sparing only children under 13 years of age. Using a bibliographic methodology, of a qualitative nature, it is based on theorists such as Žižek (2014), Saffioti (2015), Ginzburg (2017), Crittietz (2011) among others. This work is an excerpt from the dissertation, so here we seek to observe the violence generated after the Raid in which the kingdom began to be governed by a totalitarian and dictatorial regime with divines being frequently oppressed and threatened.

**Keywords:** *Children of blood and bone*. Raid. Violence.

## Referências

ADEYEMI, Tomi. *Filhos de sangue e osso*. Tradução de Petê Rissatti. Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2018.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. A embaixada americana. *In*: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. Tradução de Julia Romeu. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BENJAMIN, Walter. Para a crítica da violência. *In*: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Jeanne Marie Gagnebin (org). Tradução de Susana Kampff Lages; Ernani Chaves. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. p. 121-156.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CRITTIEZ, Xavier. *As formas da violência*. Tradução de Lara Christina de Malimpensa; Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo*. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LINS, Ronaldo Lima. *Violência e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MENDES JR., Nilson Macêdo. *Memória e identidade: a vida de Frederick Douglass*. São Paulo/Londrina: Aetia Editorial, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TURNER, Bryan S. *Corpo e sociedade: estudos em teoria social*. Tradução de Maria Sílvia Mourão. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

*Recebido em 30/04/2023*

*Aceito em 27/11/2023*

*Publicado em 30/11/2023*